Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

15. NOVOS MINISTROS

RIO DE JANEIRO, GB, 1º DE JULHO

AO DAR POSSE AO MINISTRO DA GUERRA, MARECHAL ADEMAR DE QUEIROZ, NO PALACIO DAS LARANJEIRAS.

Não estou perturbado com a espectativa que há em tôrno do discurso que agora inicio. Uns desejam saber o grau dos sentimentos que aqui possam vir expressos, talvez até para a compreensão psicológica da atualidade política e de seu desdobramento. Outros, não como estudiosos, nem mesmo na qualidade de observadores, espreitam, numa requintada improbidade de maus comentaristas, a palavra, o gesto e a postura, para torcer abusivamente, especular na base de falsas conjecturas e enredar com desenvolta maldade. Daí se passa à versão a jeito de interêsse desalmado, à inverdade insinuada sùtilmente, ou mesmo à mentira sôlta. Êstes, que aliás comprometem os grupos em oposição, assim o fazem pela falta de idéias e, então, para combater se apóiam na intriga urdida pela distorção ou pela invenção. É o processo utilizado para solapar e dividir, sobretudo por aquêles que têm a incapacidade de enfrentar honradamente o adversário com as armas dignas de uma peleja política. E o pior é que querem abalar e separar, para aderir, sem coerência e descaracterizados, a uma das partes, na atração irresistível do futuro poder.

Êste tem sido o objetivo não colimado de tal tipo de oposição, no que se refere às minhas relações, de serviço e pessoais, com o General Arthur da Costa e Silva. Paciência e resistência não nos faltaram, além do conhecimento mútuo e aberto entre nós dois.

Penso que a defesa contra a insídia já tão identificada está, necessàriamente e antes de tudo, no comportamento de cada um. Mas o estilo do Govêrno atual afasta de seu meio, e de maneira

nítida e uniforme, a disputa de cargos ministeriais, a hegemonia de influências e o jôgo desmoralizado de diminuir a autoridade de seus auxiliares. Se não há tutelas, nunca deixou, no entanto, de haver independência de conselho e de advertência, confiança recíproca e indispensável autonomia para a gestão de cada um dêles. Em nosso Ministério jamais agimos para se pôrem à prova, muito menos para se exibirem, sentimentos pessoais e funcionais. Não haveria sentido invocá-los a cada instante, pois todos nós achamos que a lealdade, a coerência, a coordenação de atitudes e o interêsse do bem público são condições intrínsecas e básicas da conduta do Presidente e dos Ministros. E aí está um dos enganos de alguns psicólogos e comentaristas em relação ao procedimento dos membros do Govêrno, em particular quanto a mim e ao General Costa e Silva.

Os nossos propósitos — os meus e os do ex-Ministro da Guerra — sempre foram comuns, a identidade no ideal militar constantemente nos norteou e nunca desmerecemos uma camaradagem de meio século.

Doutrinàriamente estivemos por igual unidos na Revolução. Não esqueço o seu passo firme a 30 de março de 1964, quando, apontando a seus subordinados, no Departamento de Produção e Obras, que «hierarquia e disciplina são princípios estruturais nas Organizações Militares», me honrou com uma incisiva referência à minha Nota de Chefe de Estado Maior, de 20 do mesmo mês, declarando, em união de pensamento e ação, que «a definição das atribuições das Fôrças Armadas, feita pelo General Castello Branco no documento em causa, é a doutrina certa — *as Fôrças Armadas não podem atraiçoar o Brasil*».

As idéias revolucionárias do General Costa e Silva não assentam num inconformismo passivo. Lançou-se decididamente pela restauração da ordem política e militar no país.

Eu julgo que o maior serviço que êle já prestou ao Brasil foi na Chefia do Comando Revolucionário. Em muitos poucos dias resolveu-se o destino da nação para muitos anos. Criaram-se condições, em plena crise, para o restabelecimento da autoridade militar, fortaleceu-se pela Revolução a coesão das Fôrças Armadas,

dando-se-lhes inclusive capacidade operacional e fêz-se com que elas se identificassem com as aspirações civis. O General Costa e Silva não perdeu de vista o futuro democrático do Brasil, não disputando nem permitindo a instalação de uma ditadura. O Ato Institucional nº 1 foi uma grande fôrça de exceção que evitou o poder ditatorial e garantiu o funcionamento dos três podêres da República. O Brasil deve-lhe a visão de como preservar as suas instituições democráticas, no que foi o General Costa e Silva denodadamente auxiliado pelo Almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald e Brigadeiro Francisco de Assis Corrêa de Mello.

No Ministério da Guerra, foi efetivamente o Comandante, o administrador e o orientador. Aí, o seu modelar espírito militar dominou e sua figura de Chefe do Exército foi autêntica, acatada e reconhecida pela própria nação.

A sua administração teve um sentido de eficiência. Desejou sempre que as Fôrças Terrestres fôssem, moral e materialmente, um instrumento operante de defesa das instituições e da soberania do Brasil. E aprofundou, com o seu exemplo e pertinácia, a mentalidade democrática dos militares contra as investidas totalitaristas.

Para se desincompatibilizar como candidato à Presidência da República, o General Costa e Silva deixa hoje o cargo de Ministro da Guerra. É o momento muito significativo para expressar-lhe o agradecimento do Govêrno, do Exército e das Fôrças Armadas. Pessoalmente, agradeço-lhe eu como seu antigo camarada, companheiro da Revolução e Chefe do Govêrno que êle integrou, nobremente se identificando com seu destino.

É também o instante para desejar que o Congresso Nacional o eleja Presidente da República. E ainda de formalizar meus votos para que o antigo Chefe do Comando Revolucionário de março de 1964 seja, brevemente, o Presidente da República do Brasil, e aí dê a êste a plenitude de seu desenvolvimento, a estabilidade de suas instituições e garantia democrática contra a subversão.

Senhor Ministro Marechal Ademar de Queiróz:

O Ministério da Guerra está a seu cargo. É uma segurança para o Govêrno e para a ordem militar e política. E o Exército terá em Vossa Excelência um Chefe de autoridade, humano e de intransferível responsabilidade.

Conhecedor dos problemas militares e das possibilidades de suas soluções com um equilíbrio invulgar, a gestão que hoje vai iniciar-se terá a característica da continuidade e de efetivas realizações.

O seu passado militar e os aspetos prestigiosos de sua personalidade levaram-me a pedir-lhe mais êste serviço. A minha confiança transcende o crédito do irmão de armas e do amigo de sempre, na paz e na guerra, para se fixar na certeza da digna e eficiente ação do homem público.